



3ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A música no Brasil dos anos 1990

Nesta sequência didática, propõe-se fazer uma reflexão sobre a relação entre a cultura musical do Brasil durante a década de 1990 e o contexto nacional e internacional, no que se refere às transformações da sociedade brasileira na era da globalização.

A BNCC na sala de aula

Objeto de conhecimento	<p>O processo de redemocratização.</p> <p>A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.).</p> <p>A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais.</p> <p>Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira.</p> <p>A questão da violência contra populações marginalizadas.</p> <p>O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização.</p>
Habilidade	<p>(EF09HI27) Relacionar aspectos das mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 ao papel do País no cenário internacional na era da globalização.</p>
Objetivos de aprendizagem	<p>Compreender as manifestações culturais, sobretudo musicais, da década de 1990 no seu contexto histórico.</p> <p>Estabelecer relações entre as manifestações culturais brasileiras da década de 1990 com as transformações sociais e econômicas vividas no Brasil.</p> <p>Analisar as relações entre a cultura musical brasileira dos anos 1990 com o processo de globalização.</p> <p>Refletir sobre a pluralidade da cultura musical brasileira na década de 1990.</p>
Conteúdos	<p>Plano Real.</p> <p>Governo Fernando Henrique Cardoso.</p> <p>Globalização.</p> <p>Cultura de massas.</p> <p>Cenário musical brasileiro na década de 1990.</p>

Materiais e recursos

- Aulas expositivas.
- Computadores com acesso à internet.

- Projetor.
- Equipamento de áudio.

Desenvolvimento

- Quantidade de aulas: 5.

Aula 1

Para iniciar esta sequência didática, sugere-se fazer um levantamento do conhecimento prévio dos alunos acerca do Plano Real e dos governos de Fernando Henrique Cardoso, com perguntas como: “Qual é a moeda que utilizamos atualmente no Brasil?” “Vocês sabem quando ela foi criada?” “Quais motivos levaram à criação de uma nova moeda?” “Qual figura de destaque na política brasileira esteve à frente do plano que criou o real?” “Qual função ele ocupava no momento da criação do plano e qual função passou a ocupar depois?” “Quais foram as características principais de seu governo?”. É importante que os alunos saibam que durante os governos anteriores, dos presidentes José Sarney e Fernando Collor, o problema da inflação era gravíssimo no Brasil. Quando Collor assumiu o poder, o índice da inflação havia atingido 1764,8%. Embora esse presidente tenha conseguido conter a inflação, que chegou a 10% ao mês, suas políticas econômicas geraram uma forte recessão, isto é, houve decréscimo dos principais indicadores econômicos (emprego, produção, renda etc.). Quando Fernando Henrique entrou para o Ministério da Economia, durante o governo de Itamar Franco, os níveis da inflação tinham voltado a crescer e estavam em torno de 30% ao mês, corroendo os salários e empobrecendo os trabalhadores.

Com a criação do Plano Real, que previa a paridade da moeda brasileira com o dólar, a inflação caiu, aumentando o poder de compra dos trabalhadores, mesmo que isso tenha se dado com o corte de recursos públicos para áreas como saúde e educação. A população passou a consumir mais em todos os setores, desde alimentos, como bolachas e iogurtes, até bens de consumo duráveis, como televisores, máquinas de lavar e veículos. A popularidade de Fernando Henrique cresceu e ele se candidatou à presidência da República, vencendo o pleito com 54,2% dos votos já no primeiro turno. Seu governo foi marcado por políticas neoliberais que incluíram a privatização de empresas estatais, a redução da participação do Estado em alguns setores da economia e os cortes de gastos públicos. Além disso, houve uma forte abertura para a entrada de produtos industrializados estrangeiros. Fernando Henrique governou por dois mandatos, mas no final do segundo sua popularidade diminuiu em função do crescimento do desemprego.

Para o objetivo desta sequência didática, é importante frisar o papel do aumento do consumo pela população brasileira e da maior entrada de produtos industrializados estrangeiros nesse período.

Aula 2

Para iniciar a aula, recomenda-se retomar, rapidamente, a questão do aumento do consumo popular e a abertura do mercado brasileiro aos produtos industrializados estrangeiros. Além disso, é importante introduzir a discussão sobre a globalização, que

marcou profundamente a economia, a sociedade e a cultura brasileiras nesse período. A própria ascensão de governos neoliberais em várias partes do mundo respondeu a esse processo que estava se fortalecendo em escala mundial. É importante que os alunos compreendam como as principais características da globalização (internacionalização da produção; circulação de informações, aumento crescente da circulação de capitais e o aumento extraordinário do comércio mundial) atingiram diretamente a cultura dos países envolvidos. Nesse sentido, sugere-se promover uma dinâmica oral para auxiliá-los a refletir sobre esses impactos, com perguntas como: “Quais foram as principais características da globalização na década de 1990?” “Como cada uma delas poderia se relacionar com a produção e distribuição de bens culturais, como a música?”.

Os alunos devem compreender que as décadas de 1970 e 1980, no Brasil, foram marcadas por uma forte influência estadunidense no plano cultural, e na música, especificamente, pela influência do *rock* estadunidense e inglês. Na década de 1990, essas influências não deixaram de existir, mas vivenciou-se um período de valorização de ritmos e estilos musicais de origem nacional. No entanto, esse processo se deu em um momento de massificação cultural e do consumo, que eram reflexos da globalização. Esse fenômeno ocorreu no Brasil e em várias partes do mundo.

Após a discussão inicial, indica-se a leitura coletiva do texto que segue. A leitura pode ser feita em trechos, com pausas entre os parágrafos para verificar a compreensão dos alunos e sanar as possíveis dúvidas.

O negócio da tradição: cultura de massas no Brasil dos anos 90

O multiculturalismo, ou a emergência bem-sucedida da crescente mercantilização da *world culture* [cultura mundial], que leva ao consumo e à disseminação de produtos concebidos fora dos centros, não só nesses mesmos centros, mas na periferia também, pode ser uma das causas da reversão de dominantes culturais em contraste com a década de 80. Se a cultura pós-modernista brasileira dos 80 implicava na concepção tradicional do cosmopolitismo e na aspiração a um estilo originado na metrópole, o pós-modernismo dos 90 vai ter que necessariamente incluir uma revisão dessa concepção cêntrica – por mais que essa revisão tenha aparecido primeiro na metrópole. O que não significa, contudo, uma transformação total em relação aos anos 80. [...]

Ou seja, a cultura brasileira dos anos 90 dá continuidade à política de adaptação aos padrões globalizados do mercado com táticas ousadas de vendagem e estratégias de ampliação de uma cultura de massas relativamente poderosa para um país periférico.

[...] Emerge, ao final da década, um debate extremamente polêmico no que diz respeito à televisão brasileira e à indústria fonográfica mais especificamente, mas em geral também atingindo todos os outros níveis de produção cultural: a representação, a atuação e o poder de decisão crescentes das classes baixas (desse modo também das suas “tradições”) na programação da televisão brasileira e no lançamento de discos e fitas. [...] O Plano Real, de certo modo, possibilitou um maior acesso das classes mais baixas ao consumo tanto de produtos culturais (CDs, ingressos de cinema, livros, filmes em vídeo), como dos aparelhos eletrônicos para usufruir destes produtos – sem que isso significasse, contudo, uma melhor distribuição de renda no país. Isso tem reflexos não apenas na esfera do consumo, mas também da produção.

[...] A entrada das chamadas classes “C” e “D” num universo de consumo antes bem mais restrito dá margem, portanto, a algumas transformações marcantes na cultura brasileira, especialmente nos âmbitos do mercado fonográfico e da veiculação televisiva. A partir de 1996, as maiores atrações musicais do país (em termos de vendagem e aparições na mídia) passam a ser os grupos de “pagode” (grupos de samba de roda, quase sempre acompanhados por dançarinas), como o mineiro Só para contrariar, ou os baianos Terrasamba e É o tchan. [...]

[...] Esses [...] emblemas dos emergentes representam ao mesmo tempo a abertura da esfera do consumo a um número muito maior de pessoas, uma configuração brasileira de uma estrutura cultural

globalizada e uma (inevitável?) decadência de padrões éticos e estéticos na cultura nacional. [...] Eles vão veicular apenas seus traços mínimos [...] utilizando formatos adaptados da indústria cultural internacional e adaptáveis às flutuações desse mercado.

Ao longo de 1998, vários suplementos dos principais jornais do país – em especial os da **Folha de S.Paulo** – tentam dar conta mais analiticamente do fenômeno de popularização da cultura brasileira. [...] O tom é, em geral, relativamente otimista [...], por dois motivos principais: o primeiro, naturalmente, diz respeito à ampliação do acesso aos bens simbólicos e nas consequências possíveis dessa abertura. O segundo motivo tem relações com a indústria fonográfica brasileira e com uma espécie de quebra da hegemonia da música pop norte-americana no país. Constata-se que os grupos de axé *music* [...] e os de pagode vendem dez vezes mais que os nomes mais lucrativos da música pop internacional, o que seria, em princípio, sinal de “saúde” cultural [...].

[...] Na verdade, todo esse processo (o Plano Real, o maior poder aquisitivo das classes baixas, o maior consumo de bens simbólicos) não teria consequências drasticamente diferentes do rumo natural das indústrias culturais do mundo desenvolvido. [...]

O Brasil, portanto, estaria apenas vendo serem agudizadas as tendências “naturais” da cultura de massa a partir dos acontecimentos da segunda metade da década de 90 [...].

Diante desse quadro é realmente muito arriscado ou mesmo precipitado tentar falar em “rearticulação da tradição” [...]. A “tradição” (como autoconsciência de um discurso e como processo) é apenas mais uma peça nas engrenagens de um negócio extremamente rentável. Entretanto, nessa mesma indústria cultural [...] e até em algumas dessas manifestações mencionadas, há indícios

de maiores articulações e negociações complexas da identidade nacional e das linhas evolutivas da cultura brasileira. Basta pensar no trabalho de recuperação – admitindo sempre as limitações dessas releituras – do samba de roda feito pelos grupos de pagode ou do forró pelas bandas de forró eletrônico, ou como no caso da Bahia, na própria configuração de uma nova cultura negra e carnavalesca (*axé music* e seus aparentados). Da periferia de São Paulo, um grupo de *rap*, os Racionais MCs, consegue vender cerca de meio milhão do seu disco **Sobrevivendo no inferno**, sem aparecer na televisão, sem suporte de grandes gravadoras e com discursos inflamados contra o “sistema”. O *mangue beat*, de Pernambuco, surge num contexto mais à margem da indústria cultural – ou se pode ser considerado mais culto que esses outros fenômenos por suas características ideológicas, discursivas e metalinguísticas –, lança alguns dados importantes para o redimensionamento do papel do popular no contexto contemporâneo [...].

PRYSTHON, Ângela. *Negócio da tradição: cultura de massas no Brasil nos anos 90*. *Lumina*. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 67-80, jul./dez. 2001, v. 5, n. 1, jan./jul 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R8-Prysthon-HP.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

Sugere-se que a exposição e leitura do texto ocupem todo o tempo da aula.

Aula 3

Propõe-se que o produto final desta sequência didática seja a apresentação de uma pesquisa sobre estilos ou grupos musicais da década de 1990. Nesse sentido, é importante que os alunos compreendam que essa década, do ponto de vista da cultura brasileira, foi marcada por uma complexa relação entre globalização e tradições nacionais que resultou, por um lado, em uma cultura de massa que trouxe elementos das tradições nacionais, mas absorveu práticas globalizantes com a massificação cultural. Por outro lado, também surgiram movimentos que foram na contracorrente, tanto do ponto de vista de seus conteúdos quanto das questões mercadológicas da produção e difusão.

Para iniciar a aula, recomenda-se organizar a turma em quatro grupos. Cada um deles ficará responsável pela pesquisa de um estilo ou grupo musical que tenha se destacado na década de 1990. As pesquisas podem ser feitas em livros, revistas e *sites* confiáveis da internet. Eles devem fazer um histórico do gênero escolhido (e também do grupo, caso optem por um específico) e a análise de, pelo menos, uma música. Sugerir também uma investigação sobre os índices de audiência desses estilos/grupos nos canais de televisão

nacionais, ou rádios, e as quantidades de discos vendidos. Além disso, é também importante incorporar à apresentação uma análise de como esses fenômenos culturais se relacionaram com o contexto nacional e internacional da época.

Recomenda-se acompanhar o trabalho dos grupos para garantir que os principais tópicos sejam abordados. A forma de apresentação pode ficar a critério dos alunos, de acordo com os recursos disponíveis, por exemplo, recursos digitais ou físicos, como cartazes e painéis. Caso seja possível, sugerir a reprodução de sons e imagens por meios eletrônicos ou mesmo cantar as músicas escolhidas.

Aulas 4 e 5

As **aulas 4 e 5** deverão ser voltadas para as apresentações dos grupos. Recomenda-se dividi-las em 3 partes, cada uma, deixando a **aula 4** para a apresentação de três grupos, e a **aula 5**, para a apresentação dos dois grupos restantes e uma discussão de encerramento.

Nessa discussão final, sugere-se retomar as questões referentes ao período histórico, sobretudo os efeitos na globalização na economia, sociedade e cultura brasileiras. Os alunos podem exprimir suas opiniões a respeito das manifestações culturais, no entanto, mais do que julgar, é importante compreendê-las como expressões de uma determinada época e de uma estrutura social específica.

Avaliação

- Participação em sala de aula (assiduidade e interação).
- Participação durante a leitura do texto.
- Participação durante a pesquisa e elaboração das apresentações.

Para auxiliar na avaliação, sugerem-se a ficha e as questões a seguir.

Ficha para o professor		
Nome do(a) aluno(a): _____		
1. Participou das discussões e do trabalho em grupo de maneira ativa e com desenvoltura?	() Sim.	() Não.
2. Participou da leitura e debate do texto?	() Sim.	() Não.
3. Contribuiu na pesquisa e elaboração da apresentação?	() Sim.	() Não.
4. Esteve atento à apresentação dos seminários dos colegas?	() Sim.	() Não.

1. Em qual contexto o Plano Real foi elaborado? Qual foi a principal figura política por trás dele?

Resposta: O Plano Real foi elaborado durante o governo de Itamar Franco, tendo à frente o ministro da Economia, Fernando Henrique Cardoso. Sua elaboração se deu em um momento de grave crise inflacionária que vinha se arrastando desde o governo Sarney.

2. Quais foram os impactos do Plano Real e do governo Fernando Henrique Cardoso no que respeita à produção e difusão cultural na década de 1990, no Brasil?

Resposta: O Plano Real aumentou a importação de produtos industrializados e o consumo de diversos tipos de produto, tanto de bens duráveis (como televisores e aparelhos de som), quanto não duráveis, entre os quais se pode incluir discos, fitas e CDs. Em contrapartida, a lógica da globalização, com a maior circulação de recursos e produtos, permitiu a massificação cultural.

Ampliação

PRYSTHON, Ângela. Negócio da tradição: cultura de massas no Brasil nos anos 90. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 67-80, jul./dez. 2001, v. 5, n. 1, jan./jul. 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R8-Prysthon-HP.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MULTIRIO. **Arte e cultura urbana**. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/assista/tv/7672-arte-e-cultura-urbana>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

TV CULTURA. **Rá-Tim-Bum** – Especial Cultura 45 anos. 15 jun. 2014. Duração: 28min25s. Disponível em: <<https://youtu.be/vvoAytmhhYw>>. Acesso em: 16 nov. 2018. Vídeo comemorativo sobre um programa infantil de sucesso nos anos 1990.